

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	32800	12000	4050	120
Possessões ultramarinas (idem).....	42000	22000	7500	120
Extrangeiro e India.....	52000	25000	8500	120

34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1163

20 de Abril de 1911

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A unanimidade em que se encontraram todas as opiniões sobre o facto de terem sido investidos na qualidade de representantes de Portugal em Inglaterra e em França os dois homens de letras que são Teixeira Gomes e João Chagas, deve ter dado ao governo uma boa satisfação, a satisfação de todo o amor proprio lisongeado. O governo tardou, mas arre-cadou.

Tal unanimidade não surprehendeu ninguém pela sua significação de consenso numa escolha que tão difficil se considerou, ainda mesmo depois de indigitados aquelles dois nomes. De facto, a opinião hoje corrente é a de que ninguém, n'este momento, poderia tão bem ser portador das credenciaes da nascente Republica para a corte de St. James e para o Elyseu, como os muito apreciados auctores do *Agosto Azul* e do *Bom Humor*. E esta opinião fundamenta-se, não em outros dos complexos meritos dos dois novos diplomatas, mas fazendo um flagrante finca-pé na condição, que igualmente favorece um e outro, de serem dois perfeitos homens de sala, superiormente versados nas coisas do devaneio espirital, possuidores d'esse condão raro que só dá a quem o tem o poder de ser iniciado nos gosos selectos da sociabilidade; e até no aliás comesinho privilegio de falarem, um como o outro, as linguas dos paizes a que vão destinados. Estamos em crêr que só por um pouco de pejo se não disse ainda que poucos republicanos portuguezes dão com tanta graça o nó na sua gravata, e sabem com tanta precisão o perfume que hão de deitar no lenço.

Por esta fórma feito o acolhimento rasadamente favoravel que teve a nomeação dos dois novos ministros, e dados os precedentes de bom tacto politico que todos temos podido constatar nas deliberações governamentais, quasi nos dá vontade de crear a suspeita de que tanta demora houvesse na escolha definitiva, por querer o governo vêr se lhe seria possível descobrir alguns propostos ainda mais janotas! Ora, a verdade, é que não são nem os seus conhecimentos da arte de viver na sociedade, nem o predica-

do da sua fulgente conversação, nem os seus fracos e os seus frascos de essencias, que fazem d'estes dois homens a melhor escolha que poderíamos desejar para os cargos que a Republica lhes distribuiu. Tudo isso está muito bem, e tudo isso é preciso, mas ha mais alguma coisa.

O sr. Teixeira Gomes é enviado para Londres no momento em que um regimen novo faz ali substituir, em nome da vontade de Portugal, o representante d'este paiz num tempo em que tudo

parecia indicar que Portugal não tinha vontade propria. O ministro substituido é o sr. marquez de Soveral, que foi o amigo intimo do rei de Inglaterra, e companheiro aturado das suas caçadas, o hospede dilecto em todos os seus castellos. Attribue-se ao sr. marquez de Soveral uma singular importancia de tacto pessoal nas soluções amigaveis e commodas que tiveram por diversas vezes assumptos portuguezes em circumstancias de gravidade internacional; mas nós sempre fomos d'aquelles cujas supposições mais se coadunavam com a hypothese de ser somente o sr. Soveral um intermediario feliz das conveniencias de Inglaterra com as inconsequencias de Portugal.

O sr. Teixeira Gomes vae representar no mesmo meio de precauções e rigidas attitudes, onde o sr. marquez de Soveral fazia valer a sua privilegiada situação junto do rei, no novo estado de coisas que começou, embora um pouco tarde, para este velho paiz. Não podia ser mais delicada, nem mais difficil, a sua situação.

O sr. João Chagas chegará a Paris no instante em que os espiritos franceses, por indole e por habito afeitos á superficialidade *blagueuse* das apreciações, não fazem ainda da Republica portugueza outra ideia que não seja a de uma mudança um pouco pittoresca de regimen, a que não vae corresponder decerto uma mudança de costumes; e n'esta falsa noção historica hão de deixar-se ficar, com pouca vontade de corrigirem o erro de apreciação, enquanto d'essa como que agua turva de coisas mal definidas a sua reconhecida sagacidade d'*affaires* poder esperar salmone de nete que lhe morda no anzol.

Algumas infelizes questões financeiras do passado collocaram-nos mal no conceito da França. Bem nossa conhecida é a opinião acintosa que ali se alimentou por muito tempo a respeito das coisas portuguezas, sempre que eram coisas relacionadas com a Bolsa.

Quem se não lembra de Reillac e dos seus sequazes? Tanto o sr. Teixeira Gomes como o sr. João Chagas são portuguezes bem enfiados nos profundos interesses da nossa vida nacional. Nenhum d'elles é diplomata de carreira, mas são, um e outro, privilegiados espiritos de penetração, portados no apaixonado exame dos problemas humanos do nosso tempo, e adextrados por na-



JOÃO CHAGAS

NOVO MINISTRO DE PORTUGAL, EM PARIS

Vid. Chronica Occidental

tural inclinação nos tirocinios cultos. O tempo que outros, destinados desde as idades indecisas ás seduções commodistas e vistosas da diplomacia, passaram nos corredores da secretaria dos Estrangeiros, nos concursos, e nas *soirées* de embaixada, entre empenhos e chavenas de chá, elles passaram-no no contacto directo de tudo quanto são expressões inteligentes da alma do povo.

Ninguém dirá que a Republica não é, depois de algumas outras que tivemos em remotos tempos, a mais viva expressão inteligente da alma do povo português. Elles o hão de significar por aquelle modo cabal que se desejava e convém. Serão com justeza os representantes do nosso querer e do nosso desejo de acertar.

JOÃO PRUDENCIO.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Surriada a Massena em Portugal

POE

José Daniel Rodrigues da Costa

Anno de 1811

(Concluido do numero antecedente)

Segunda parte

Senhor Massena onde vai
A correr com tal furor?
Ou vai com alguma dor,
Ou livrar da forca o pai!
Não faz bem, porque se cai,
Vem na rede varredora;
Foi de cabeça calouira
O metter se nesta alhada;
Deve alem de surriada
Ter cabresto, e manjedoura.

Se á fome a tropa morreo,
Por faltar grão nas searas,
Em camisa de onze varas
Diga, porque se metteo?
Triste do Francez que deo
Nas mãos dos bons Portuguezes;
Porque estes por varias vezes
No saque do campo virão,
Quando as cabrinhas mungirão
O que he roupa de Francezes.

Vossa Alteza he o culpado
Dos males que vai soffrendo,
Que podia estar comendo
O que tem mais descansado.
Fugisse do laço armado,
Quando Chefe o nomeavão:
Isto todos esperavão:
Agora se leva em cheio,
He bem feito, já que veio
Metter-se onde o não chamavão.

Deve ficar corregido
De se ver nessa desgraça;
Que hum touro posto na praça
Nunca foi tão bem corrido.
Do seu Monarcha valido
Ha de ser bem compensado;
Talvez fique alliviado
Dessa cabecinha vã,
Já que vindo buscar lá
Sahio tão bem tosqiado.

Como o mestre de meninos
Pede ao menino a lição,
Pedira Napoleão
O rol dos seus desatinos.
Procedimentos ferinos
Espera em seu desabono;
Eu não hia aos pés do Throno,
Mas se quer ter essa surra,
Embora se albarde a burra
A' vontade do seu dono.

Ora eu vira a Vossa Alteza
Mais pequeno que uma pulga,
Perante o Corso que o julga,
Dando-lhe conta da empreza.
Precisa de subtiliza
Em dourar-lhe o dissabor;
Troque-lhe as voltas Senhor,
Minta muito e com acerto;
Mas se se vir em aperto
Finja logo hum estupor.

Outro remedio inda tem
Na intalação em que está,
Lance mão d'elle, e verá
O muito que lhe convem.
Diga ao Corso que foi bem,
Que deixou tudo arrazado,
E quando o vir descuidado,
Crave-lhe hum punhal no peito:
Fica o mundo satisfeito
Vossa Alteza eternizado.

Do que digo não se esqueça,
Mas se tentar outro vão
Terá como o bacalhão
Longe do corpo a cabeça.
Ha de ver muito depressa
A sua tragica scena,
E nós diremos sem pena,
Morreu dos ladrões o Chefe:
Antes ser cá magarefe,
Que ser em França Massena.

Sempre ao homem que he de bem,
Que possui bom coração,
Ser pio, ter compaixão
São dotes que lhe convem.
Mas Vossa Alteza que tem
Character de ambicioso,
A todos se torna odioso;
Pois he por intenções más
No que diz, e no que faz
Hum ladrão facinoroso.

Não sei fabuloso ser,
Mas descubro-lhe hum segredo,
O qual nem tarde, nem cedo
O deve a ninguem dizer.
Escusa de se saber,
Pois ha nisso algum perigo,
Com a condição que digo
Aqui para nós lhe conto
O que lhe tinhamos prompto,
Visto ser nosso inimigo.

Se o pilhassem prizioneiro
Era exposto no Rocio
A soffrer sol, chuva e frio
Sentado sobre hum sedeiro.
Postos os pés n'um brazeiro,
As mãos em agua a ferver,
Tres dias a padecer,
Para alli se recordar
Dos povos que fez matar,
Das terras que fez arder.

Junot, Loizon, outros mais,
Na quadrilha contemplados,
Deviam ser hospedados
Com ceremonias eguaes.
Nascerem demonstrações taes
Da gratidão Portugueza;
Fereza paga fereza,
Paga-se morte com morte,
Pagaremos desta sorte
Toda a protecção Franceza.

FIM

Na officina de Simão Theodoro Ferreira

Com licença da Meza do Desembargo do Paço



Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca

Director Geral
da Instrucção Secundaria, Superior e Especial

«Com uma pennada, este director, acertadamente, resolveu um processo de gradação de valores que era pendente, havia annos.»

MANUEL ALVARO DE NOBONHA.

Assim, depunha, em conversa intima, na 4.^a feira, este funcionario intelligente, bom amigo e apreciavel companheiro de trabalho.

E' que, felizmente, mudaram os tempos e podemos dizer com Lanfrey (*Études et portraits politiques*):

«Le champ ouvert aux combinaisons de l'activité et de la liberté humaines est infini, et les temps de servitud seuls acceptent la fatalité dans l'histoire comme dans les âmes.»

Conheceis, leitores, a importante villa de Oliveira de Azemeis, séde do concelho e comarca, no districto de Aveiro?

Visitei-a, em um dia do mez de agosto, pela tarde, ha perto de trinta annos; e, d'essa visita, conservo ainda impressão agradável e gratas recordações.

Ao referido concelho pertence o Couto de Cucujães, ou melhor talvez, Cucujães, e tambem Cucujães, onde, em 14 de dezembro de 1872, nasceu Angelo Rodrigues da Fonseca.

Ao rompêr-lhe, no cerebro, o primeiro alvôr intellectual foi iniciado na instrucção primaria, de que transitou para o curso preparatorio, cuja conclusão lhe abriu as portas da escola superior.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra, na faculdade de Medicina, recebeu o grau de licenciado em 15 de fevereiro de 1901, realisou o acto de conclusões magnas em 23 e 24 de janeiro de 1902, finalmente, no mesmo anno, em 27 de abril, doutorou-se e em 4 de dezembro, obteve o seu primeiro despacho para o magisterio.

Agora, achava-se no exercicio de lente cathedratico da 9.^a cadeira (Pathologia externa) da sua faculdade e desempenhava o serviço de clinico extraordinario, nos Hospitales da Universidade.

O senso estudioso já o levava a Paris, para trabalhos profissionais e a ideia democratica, no justo anejo de liberdade, tornára-o, em Coimbra, o chefe incontestado e dilecto do partido republicano.

Se addicionar, ao relato precedente, as nobres caracteristicas, de austera seriedade e de activa firmeza no labor quotidiano, sempre util e assiduo, terei relevado a physionomia moral do homem e do cidadão em simultanea correspondencia com o facto, authenticico e typico, verdadeiramente.

A um tal homem, a um tal cidadão, chamou o decreto de 23 de janeiro ultimo, publicado no *Diario do Governo*, n.^o 19, de 24, para o alto cargo de superintendencia nos negocios da instrucção secundaria, superior e especial.

Similhante diploma, expressivo traductor da eleição do Governo, para o preenchimento de uma vaga existente e de muito melindre, coube, á maravilha, em individuo que, desde logo, se demonstrou competentissimo e sobejamente provado.

Ha, pois, em Portugal, no primario conceito de oriente ilustrado e educativo, um agente sabedor, á altura da funcção, deveras digna d'esse agente.

Quem tiver lido os decretos relativos aos estudos de medicina e a maternidade bem como as circulares ácerca do modo de ser dirigido o ensino secundario, e de bibliothecas de municipios, e, ao mesmo tempo interrogar o pessoal do Ministerio do Interior sobre o actual director da instrucção secundaria, superior e especial, formará pleno juizo das faculdades de trabalho de Angelo Rodrigues da Fonseca, do seu devotado amor á suprema causa da Instrucção Publica, n'uma palavra, da nitidez consciente que elle tem de que d'essa causa depende o futuro da nacionalidade portugueza, durante annos submersa em vasto mar de fanatismo deprimente e em completa indigencia de pilotagem honesta!

Parabens ao Governo, por tão cabida e adequada nomeação.

A meu parecer, porém, não basta nomear; é preciso que aos nomeados se proporcionem todos os meios de cabal desempenho civico e que não se lhes neguem quaesquer elementos prestigiosos de força moral.

A força moral é mais do que uma alavanca emancipadora e edificante, é a propria base e fundamento essencial das sociedades humanas.

Quando, todavia, se trata de instrucção e educação, redobra-lhe, centuplica-lhe o valor inestimavel, a preciosa modalidade intrinseca.

O dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, representa a habil escôlha do Governo da Republica?

E' indubitavel, na limpida luz da maxima evidencia; é axiomatico. Importa, portanto, ao povo portuguez, que esse medico illustre, esse distincto lente, seja mantido á testa dos serviços adstrictos ao seu novo cargo, de inteira confiança e de elevada categoria, cercado de todo o prestigio moral que lhe é devido e que o paiz reclama.

Sem isso, a Instrucção Publica, perdurará uma mentira, e os diligentes esforços dos genuinos apóstolos do progresso e da civilização, terão de quebrar-se, por fim, de encontro ás correntes contrarias.

Devo declarar, em abono da verdade que, até aqui, não notei, em relação á pessoa do director geral da instrucção secundaria, superior e especial, a mais leve sombra de dissentimento por parte do poder constituído; mas doe-me a hypocrisia de calar, por suppostas conveniencias, o que, no fóro intimo, entendo ser mister desabafar a proposito

«As cousas são o que são», e, «o mundo não se endireita», — dizia-se e proclamava-se aos quatro ventos, no abolido regime: hoje, cumpre que as cousas sejam o que devem ser e o mundo (português) assuma o estado hygienico de sanidade positiva.

A isto se encaminha, dentro da sua esphera, a obra já encetada por Angelo Rodrigues da Fonseca.

A nação portugueza, agricola e colonial, carece de gente apta para o trato agradecido e remunerador da terra e da vida pratica, fonte mascula de virilidade e de riqueza legitima.

Ahi se formúla e só ahi será resolvido o grave e momentoso problema do nosso dia de amanhã, que tem, objectivamente, em fóco e em seguro ponto de mira, o zeloso e esclarecido funcionario superior e de instrução.

Prosiga, na estrada ampla e libérrima; se a vida lhe fór longa, largo o fôlego de energia organica e aploplaudida com justiça a operosidade transformadora e radical, raiarão, com certeza, para os nossos netos, n'este solo de encanto, onde repousam cinzas de Gama e de Camões, de Pombal e de Herculano, auroras pujantissimas de feliz agôiro e de deslumbrante esplendor!

Para terminar, pessoalmente, faço um voto, do coração:

Oxalá, em todo o tempo e em todas as situações, vivo, hajam de applicar-se com rigor de propriedade, a Angelo Rodrigues da Fonseca, estas eloquentes e significativas expressões, do notavel professor, Bettencourt R. a. o. no primoroso elogio do insigne José Antonio Serrano, morto:

«Iniquidades, ainda que em estranha pessoa se exercessem, irritavam-no mais fortemente do que a outros irritam as que propriamente sofrem.»

193º 911.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Exposição da Sociedade Silva Porto

Com a assistencia do sr. ministro do Interior, dr. Antonio José de Almeida, foi inaugurada, no dia 8 do corrente, a 11.ª exposição da Sociedade Silva Porto, exposição que ha onse annos se realisa por este tempo, quando a primavera vem acordar todas as alegrias da natureza, no canto das avesinhas, nas flores que desabrocham, no sol que tem mais viva luz.

Assim, por estes tempos, as velhas salas da Academia se revestem de formosas telas, onde a arte triunfa a par da natureza, sempre prodiga para aquelles que a cultivam e a amam, quer desentranhando se em copiosos fructos, quer revelando-lhe os encantos de que não é avára.

E' á procura desses encantos colhidos pela magica paleta de um grupo de artistas, devotados ao culto do belo, que o publico corre ás salas da Academia, para apreciar a colheita que esses artistas vão fazendo todos os annos por este lindo Portugal, onde a cada recanto de vila, pelos campos e montanhas de perenne florescencia, se deparam motivos de paisagem, colorida, esplendida de luz, dourada de sol.

E quanta luz dourada se espalha por aquellas cento e quarenta e cinco telas que formam a exposição, trabalho dos alumnos da Academia srs. Ruy Vaz, Horacio da Silva, Armando de Lucena e Abel Santos, a que se juntam os dos professores srs. Antonio Saude e João Trigo e ainda os dos socios srs. Adriano Costa, João Baptista Junior e Alberto da Cunha Andrade.

Na primeira sala encontram-se quadros do sr. Armando de Lucena, em numero de desasseis, a maior parte paisagens e alguns de figura em que sobrees uma cabeça de creança, pelo que o sr. Lucena nem só cultiva a paisagem com distincção, como dá boas primicias da figura. Nesta sala apresenta tambem o sr. Abel Santos uns quinze quadros de paisagem e figura, de que preferimos os primeiros, e se distinguem pela côr e franca luz bem caracteristica do nosso sol penin-

sular. Neste sentido releva-se entre todos o seu quadro *Uma rua nos Poisos*, que, á parte a prespetiva em tanto fantasiosa e ainda mais a mulher que vem descendo de casa, é um banho de luz formidavel, que de principio deslumbra enquanto os olhos não se habituam. Ainda na mesma sala expõe o sr. Horacio Silva, alumno do 6.º anno, umas desasseis telas vigorosas de colorido e de bons effeitos de luz quer observemos o seu quadro *Castanheiro*, quer o *Depois da chuva*. Ha certa falta de prespetiva aerea que mais se evidencia no quadro *Praça de Leiria*, mas sobre este ponto ha muito que notar na maioria dos quadros expostos, o que de certo não é para extranhar em quem não pôde estar ainda sabedor



DR. ANGELO RODRIGUES DA FONSECA

DIRECTOR GERAL DA INSTRUÇÃO SECUNDARIA, SUPERIOR E ESPECIAL

de todas as regras da pintura que não dispensa as bases do desenho, como se está vendo em muito da pintura moderna.

Mas isto já está dito e o mesmo a respeito de novos processos, que todos serão magnificos desde que reproduzam o effeito real das coisas desenhando e pintando realmente...

Mas vamos proseguindo na visita á primeira sala onde nos resta mencionar os estudos dos srs. Ruy Vaz, Adriano Costa, Alberto da Cunha e João Baptista Junior. São boas promessas que devem animar os autores a proseguirem estudando.

Mal transpomos a porta da segunda sala, encontramos na frente uma grande tela, do sr. Frederico Ayres, *Sol Fóra*, toda banhada de luz tão clara que domina em todo o quadro, quasi esfumando o, sem destaque de planos e mal deixando ver um pastor e seu rebanho de carneiros, pelo que parece, tão esbatidos vão, apesar do plano, segundo se nos afigurou não corresponder á distancia do ponto prespetico. O quadro, comtudo, tem qualidades que mostram os progressos que o seu autor tem feito, como alumno que ainda é da Academia, e estamos seguros que continuará progredindo, pois lhe não faltam boas disposições para a pintura. Nos doze quadros, incluindo algumas *pochades*, encontram-se trabalhos apreciaveis, como o quadrinho *Depois da trovada*, etc.

Agora deparam-se nos os trabalhos do sr. José Campas, que desde o anno passado está estudando em Paris, como pensionista do Estado.

Apezar disso, parte dos seus quadros representam a terra portugueza, colhidos em Traz os Montes e muito apreciaveis; o mesmo com relação aos

que colheu sob o ceu da França e da Holanda, onde as tonalidades são bem diferentes das do nosso país. Na figura distingue-se, a nosso ver, o seu quadro *Este é do bom*, apresentando um italiano entendido na boa pinga, como dirá um bom bebedor português.

Ha muito que apreciar, nos poucos quadros — apenas cinco — que o sr. Alves Cardoso, já bem conhecido artista, expõe, entre os quaes, o maior, *Sobreiro*, tem verdade e bom effeito de luz.

Encontramos, por fim, os quadros de dois artistas que de ha muito se distinguem pelo avançado de seus processos de pintura. O sr. João Trigo, director e professor da Escola Industrial de Lagos, que vivendo no Algarve, vae trazendo na tela, com perfeita observação e grande amor, todas as belezas que a natureza revela na mais linda provincia de Portugal. E' de surpreendente effeito o seu quadro *Flôres e airo*. De facto, a nossos olhos, as flôres das amendoeiras que destacam sobre a alfarrobeira que lhe faz fundo, dão-nos a ilusão de que essas flôres são de ouro beijadas pelo sol. A harmonia das tintas é completa, e quanto mais distante se observa maior é a ilusão, realisando toda a magia da pintura, em que está o segredo do pintor. Não é menos belo o seu quadro *Dia triste*, em que se serve do mesmo modelo, do que deixamos mencionado, mas com outro effeito de luz. Este quadro trouxe-nos á lembrança um outro do mestre, Silva Porto, *Macieiras em flôr*.

O outro artista é o sr. Antonio Saude, professor no Liceu de Santarem, pintor já bem conhecido, que desde o principio da sua apresentação ao publico, tem vindo a distinguir-se como o mais avançado nos processos da nova pintura, por tintas encamadas, que lá fóra tem seus adeptos. Nós já expendemos por mais de uma vez a nossa opinião sobre estes processos, para que a repetirmos agora. Que o sr. Saude consegue effeitos extraordinarios com este processo de pintura, affirmam-no as suas telas, e lá apresenta agora o seu *Fim da tarde*, grande quadro, representando o trecho de uma estrada, que vae a perder se na penumbra do dia a findar, vendo-se ao fundo uma camponia com seu jumento que segue caminho. O effeito dos ultimos reverberos do sol que ainda iluminam o primeiro plano é alcançado por grandes camadas de tinta, em cujas projecções avultam as pedras e escabrosidades do terreno. Fica-se na duvida de se estar na presença de uma pintura ou de um baixo relevo.

E' este o processo de alguns pintores modernos, com o qual conseguem effeitos surpreendentes como o sr. Saude os alcança tambem, com todo o vigor da sua paleta de um notavel impressionismo.

Nesta rapida apreciação que fizemos, registamos com prazer os progressos realizados e tanto maiores elles seriam se maiores fôsem os incentivos para aquelles que se dedicam com tanta vontade á espinhosa carreira da Arte.

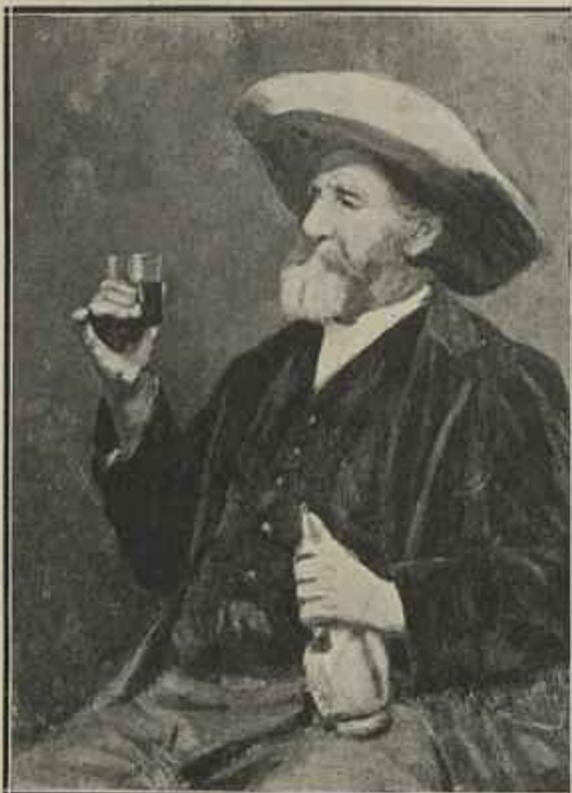
CAETANO ALBERTO.

Museu da Escola de Belas-Artes do Porto

No Porto, como em Lisboa, a Escola de Belas-Artes, acha-se acomodada, desde 1835, nos venerandos restos do mosteiro dos *Antoninos*, enquanto a sua irman de Lisboa se acomoda, tambem, conforme pôde, sob as abobodas do extinto convento de S. Francisco.

Se nossos antepassados não tivessem levantado tantos conventos, não sabemos onde hoje se alojariam tantos estabelecimentos do Estado, desde as academias até os quartéis da tropa. Esses edificios pesados de paredes e abobodas, como carceres de reclusão de criminosos, onde a luz se escôa por estreitas janellas vasadas em paredes que são muralhas, não se compadecem com a

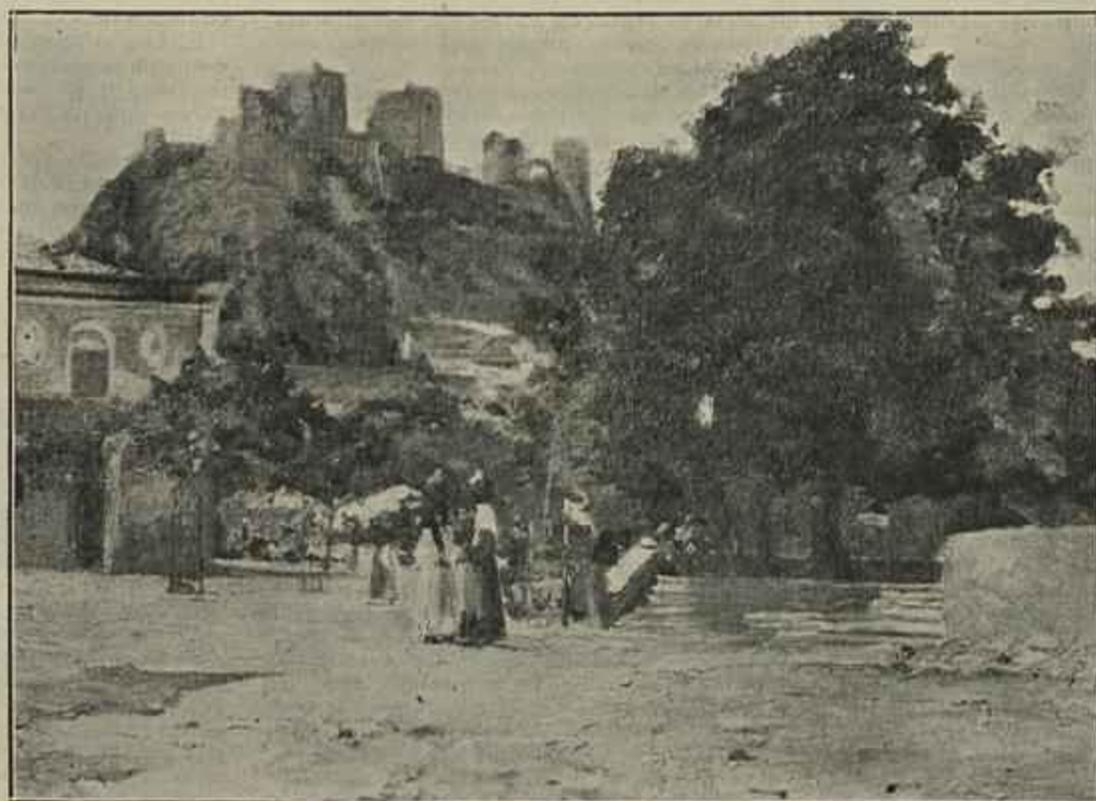
Exposição da Sociedade Silva Porto



luz e a liberdade de uma escola de Arte, pondo já de parte a decoração e gosto que a ella devem presidir.

Sim, deem-lhe um edificio singelo, elegante, pobre, quando não possa ser rico, mas que seja proprio, que disponha bem o estudante, que tenha as suas galerias de pintura, de esculptura, iluminadas a bem poder deixar apreciar as obras que se expuserem, e se isto é com respeito ao edificio, quanto haveria que dizer com respeito aos elementos de estudo e tudo o mais de que carece...

O sr. Guedes de Oliveira, num artigo publicado na bela revista *Arte*, exhorta o Estado a olhar pela Academia de Belas-Artes do Porto e, entre os seus acertos, diz, por exemplo: «... essa



Academia que o Estado abandona á poeira das estradas como a um mendicante de feira; essa filha espuria, banida das boas graças dos que mandam como de um lar maldito, quando a sua feliz irmã lisboeta dispõe de todas as delicias da terra; essa desherdada, essa precita, essa expungida, continua como laboriosa formiga a documentar serenamente o seu direito á partilha dos beneficios, se beneficios pôde chamar-se ao que só se filia num sagrado principio de justiça...»

Está certo, menos a Academia de Lisboa «dispôr de todas as delicias da terra», pois o Estado não lhe dispensa mais atenções do que á Academia do Porto, dado o caso que dispense atenções a qualquer dellas.

Por enquanto

ESTE É BOM, *J. Campas* — UMA RUA NOS POISOS, *Adriano Costa* — UMA RUA NOS POISOS, *Abel Santos* — CASTANHEIRO — PRAÇA DE LEIRIA, *Horacio Silva*



ESCOLA DE BELAS-ARTES DO PORTO—SALA DO MUSEU (Cliché e similitude gravura de Marques Abreu)

tem sido, infelizmente, assim. De futuro, não sabemos o que será, não obstante todas as promessas e até projetos de reformas.

E' quantioso de quadros o museu de Belas-Artes do Porto e nelle se encontram obras de merecimento incontestavel, algumas de modernos artistas, como Silva Porto, Sousa Pinto, Marques de Oliveira, e esculpturas de Soares dos Reis, esse genial artista, que o desalento levou á morte permatura.

No Porto, como em Lisboa, uma pleide de artistas lutam por um renascimento da Arte, bem digno de despertar as atenções do publico e de chegar até ás altas regiões do Estado, para que este cuide de lhe coadjuvar a iniciativa com os necessarios incentivos.

Esperemos tão confiados quanto possível. . .



Psalterio do Amôr

I

Eu amo as louras, gárrulas creanças.
Meu coração sorri, quando as presente,
Diademadas de flôridas esperanças.

Seu olhar é um chamedrys fulgente
Nas chans da Vida — ó pálida consorte! —
Perlado nos orvalhos do Nascente.

Dum beijo doce e dum abraço forte
— Poema de amôr — resurge eterna gloria
— Lança que fere o coração da Morte.

Engurunhidos nós na paz marmorea
Da campa, as nossas gerações em flôr
— Rubros cravos berrantes de Victoria —

Clamam a Nossa-Raça e o Nosso-Amôr!

II

Vem! Dá-me o braço! Ergâmos na montanha,
Nos fugitivos ápices do mundo,
Nobre solar da architettura estranha.

Simple, radiantes dum amôr jucundo,
Poisaremos nimbados de arrebóes,
— Aves do céu — perto do céu profundo.

Encantados na musica dos Sôes,
Nossos amôrs serão as puras fontes
De bela e forte geração de heróes.

E após a morte, nitidos, insontes,
Resurgiremos da aridês do Nada. . .
Myrto florido que lhes cinja as frentes,

Estrêla de oiro que lhes fulja a Estrada!

(Do Evangelho da Vida, em preparação.)

ANTONIO COBEIRA.



CIENCIA MODERNA

O Macro-seismografo e o Diceraunografo do sr. Ramos da Costa

Dois novos instrumentos de observação temos aqui a registrar, inventados pelo capitão-tenente da armada sr. Augusto Ramos da Costa, director do Observatorio de Marinha, e distintissimo homem de ciencia á qual se dedica com proveitosos resultados.

O primeiro desses instrumentos é um *Macro-seismografo*, destinado, pela sua pouca ampliação e pela velocidade de desenrolamento da fita registradora, ao estudo dos macroseismos. Não serve, portanto, pela sua fraca sensibilidade, para registrar os microseismos ou abalos locais insensíveis, nem telêseismos ou tremores de terra, que pelo seu epicentro afastado se tornam imperceptíveis no logar de observação.

Este aparelho consta de tres partes principaes: o *pendulo* ou massa estacionaria de forma troncoconica com o peso de cerca de 50 kilogramas; o *sistema amplificador*, constituido por duas alavancas e um pantografo, de modo que as oscilações do abalo veem desesseis vezes ampliadas nos

seismografos; e, por fim, no *registorador*, composto de um cilindro sobre o qual está enrolado o papel, em que escreve o tinteiro-pena, e de um motôr de relojoaria que obriga o cilindro a fazer uma revolução completa em sete dias.

O macro-seismo tem, além disso, um aparelho auxiliar, intitulado *transformador electro-automatico de velocidade*, o qual tem por fim aumentar duas mil vezes a velocidade de rotação do cilindro, logo que se deem os preliminares de qualquer movimento seismico, conseguindo assim dar maior nitidez aos seismogramas e economisar a fita de papel, quando não houver abalos. Para que o transformador funcione, basta uma minima oscillação do pendulo, visto que uma pequena haste de aluminio, que este tem na sua base inferior, estabelece um contacto electrico, fazendo passar uma corrente no electro-iman do transformador.

O aparelho auxiliar, que constitue a parte mais interessante do seismografo, parece resolver o problema de mudança de velocidade, para o qual os mais eminentes seismologos não tinham ainda encontrado solução.

Do exposto, depreende-se que o *seismografo portu-guês*, cujas qualidades de instalação e de funcionamento são bastante recomendaveis, pôde classificar-se entre os instrumentos seismograficos destinados á observação dos abalos seismicos comprehendidos entre IV e XII da escala Forel-Mercalli Canani.

O segundo nstrumento, o *Diceraunografo*, destina-se a registrar as tempestades a grandes distancias, como acontece com a pressão nos barografos, ou com a temperatura nos termografos.

Basea-se na *ionisação* do ar atmosferico pela produção das ondas *hertzianas*.

O diceraunografo não difere na essencia de um aparelho receptor da telegrafia sem fios, distinguindo-se apenas por dois detectores de ondas; assim, este aparelho é impressionavel pelas descargas atmosfericas que se dêem num circuito de muitas centenas de kilometros de distancia.

O aparelho, pois, consta de dois *cinoscopios* ou *cohesores* de sistema diferentes, ligados a uma antenna, e que fecham o circuito pela ionisação da atmosfera produzida por qualquer dos agentes ionisantes. Cada um destes *cinoscopios*, fecham, por intermedio de uma bobine, o circuito, permitindo o funcionamento do *duplo-descohesor* e registro do receptor, dando o toque de alarme.

A antenna é ligada á mesa dos aparelhos por um para-raios.

Faraday e Maxwell fizeram estudos e estabeleceram teorias sobre as vibrações electro magneticas e luminosas, que foram experimentalmente confirmadas por Hertz e Feddersen. Estes sabios estabeleceram as teorias de que as descargas através do ar produzem as ondas electro-magneticas, conhecidas por ondas *hertzianas*, as quaes se podem tambem obter artificialmente na telegrafia sem fios.

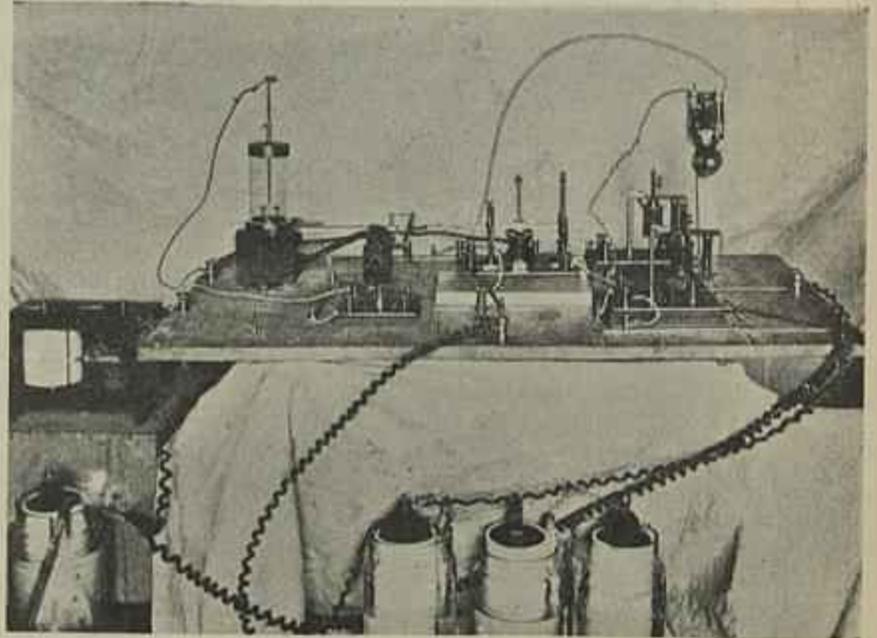
E' sabido que o raio é um fenomeno produzido pela descarga electrica entre as nuvens ou entre estas e a terra, o que constitue o raio ou faísca, relampago, e o trovão, ruido que essa faísca faz através do espaço. A sua duração não excede um millesimo de segundo, embora á nossa vista pareça maior, o que se explica pela grande intensidade da sua luz impressionar fortemente a nossa retina. A intensidade da corrente magnetica durante a descarga avalia-se nuns dez a vinte mil *amperes*. Entretanto, a intensidade da energia irradiante das descargas atmosfericas que

produzem as ondas *hertzianas*, num variavel meio de propagação, atingem o *potencial explosivo* e *amperagem*, valores incalculaveis, impossiveis de atingir na industria.

Até agora não se conhece nenhuma teoria que explique devidamente, o potencial electrico no ar para produzir o raio. Pelo que diz Simpson, a condensação do vapor aquoso sobre qualquer nucleo solido eletrisa fortemente o ar, e segundo alguns sabios explicam, dá a formação de intensos campos electricos nas descargas produzidas pelo raio.

São estas descargas que, á semilhança da telegrafia sem fios, o diceraunografo registra por meio da sua antenna e aparelho receptor, a grande distancia.

Os dois instrumentos a que nos referimos e que honram o seu inventor, sr. Ramos da Costa, foram construidos na officina de instrumentos nauticos, do Observatorio de Marinha, por operarios



DICERAUNOGRAPHO DO SR. RAMOS DA COSTA

portuguêses, em que mais se distinguiram os srs. Artur Luis de Araujo e Augusto da Costa Lopes.

A. S.



A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1161)

XXII

Principiam as sessenta horas

Era quasi meio dia de sabbado quando salvamos os naufragos da ilha, e pouco depois da meia noite de quinta feira tinham começado os nossos arduos trabalhos.

Sinto bastante prazer em chamar a este periodo *as sessenta horas*, e como o que tenho a dizer está escripto n'um livro como o da *bitacula*, visto que tão rapidamente occorriam os successos, tratarei de fazer um diario, afim de mais facilmente poder seguir-se de perto todo o seu curso.

«Sabbado, 27 de maio (ao meio dia). — Resgatamos nove pessoas do navio naufragado, e uma d'ellas é uma joven chamada Isabel, filha do capitão Nepeen, da marinha americana. Seu pae está com ella. E' um homem alto, de presença magestosa e serena, sempre disposto a cumprir o seu dever. As outras são,

na sua maioria, marinheiros americanos, porque o navio naufragado era um vapor da navegação do alto mar, chamado *Silver Bell*, que fazia a carreira entre os portos americanos e Yokohama.

«Todos estão atonitos pelas coisas que viram e ouviram, tanto na casa submarina, como na ilha de Ken; mas estão bastante doentes para tomar parte nos acontecimentos, e a joven ainda não voltou a si do desmaio em que caiu. O doutor Gray diz que a salvará, mas qual quer outro homem de menos sciencia do que elle, pensaria que a joven estava morta.

«No mesmo dia, ás quatro da tarde. — Despertaram-me agora, quando estava dormindo, para me dizerem que os homens que estão nas cavernas inferiores da casa submarina, continuam dando fortes pancadas nas portas de ferro do corredor, e tentam arrombal-as para virem até aqui.

«O capitão Nepeen foi o proprio que me trouxe estas noticias e teve uma larga conversação commigo.

«E' um homem muito illustrado, que comprehende as coisas e aborda os assumptos com mais rapidez do que eu havia imaginado.

— «Mr. Begg, — me disse elle — o que é certo é que calmos em poder de um bandido bastante perigoso. Não percebo que classe de talento é a d'elle, para explorar este logar tão extraordinario, mas adivinho claramente o proposito que teve em o fazer assim. Tanto o senhor como eu, temos de responder pelos nossos actos á civilização e á justiça. Devemos, portanto, começar já, sem perder um minuto.

«Respondi-lhe talvez um pouco asperamente, pois não me agradava que viessem dar-me lições nem ensinar-me o que eu tinha a fazer.

— «Capitão, — respondi, — o que um marinho pôde fazer, já eu fiz, e se assim não fosse não estaria o senhor aqui. E' melhor não falarmos mais n'isso. As noticias que me dá, são as melhores para nos acautelarmos. Deve comprehender que se temos de resistir, a primeira coisa a fazer é tornarmo-nos senhores de todas as entradas d'esta casa. Só Deus sabe quantos homens estão nas galarias inferiores, e é a primeira coisa que devemos saber, porque o resto virá depois.

«Fez-lhe impressão as minhas palavras, e por isso começou a desfazer-se em desculpas e affirmar mais uma vez, a sua gratidão. Era o habito que tinha em lidar com a gente do mar, que o tornavam auctoritario. Reparei que elle tinha o costume de mandar e vi que em breve os seus desejos seriam satisfeitos.

— «E' verdade, — me disse elle cheio de entusiasmo, — que lhe devemos a vida, e talvez devesse falar n'isso em primeiro logar, mas as surpresas d'esta casa transtornaram-me os pensamentos. Estavamos meos mortos, quando percebemos os seus signaes, capitão. Só Deus sabe o que teria sido dos meus passageiros e da tripulação, se não fosse o senhor. Levaram-nos para terra de noite e nove d'elles, como sabe, estão aqui. Já tinha ouvido aos japoneses, que a ilha de Ken era uma ilha fatidica, mas não o acreditára. Agora vejo que é verdade. Parte da minha gente está na ilha, é morta ou moribunda, mas assim que o sol se esconda no horisonte, tenha a certeza de que irei a terra, para ver o que poderei fazer afim de os salvar.

— «O senhor é um valente, capitão Nepeen, e onde o senhor fór, irei eu tambem para o ajudar a salvar esses infelizes, custe o que custar. Não lhe devo, porém, occultar que a empresa é mais difficil do que julga, e que aquelle que fór esta noite á ilha de Ken, pôde

ser que não volte. Somos agora quatorze n'esta casa, e o nosso dever será deixá-la em segurança para os que depositaram a sua vida nas nossas mãos. Com a sua ajuda, capitão, esperamos responder ás chamadas dos que estão tentando arrombar as portas dos corredores.

«Concordou com o que eu dizia e principiou a indagar as armas que tinhamos e da maneira de as empregar. Os seus companheiros estavam reunidos na sala grande e foi chamal-os em primeiro logar.

«A casa onde estavamos era precisamente a habitação que Czerny occupára, e agora, a luz plena do dia, o mar passando pela transparencia dos vidros, descobria-me preciosidades que até ali não tinha visto, pela obscuridade em que estava.

«Que poder magico tinha construido aquella casa debaixo do mar?

«Que espirito do mal habitara n'aquellas profundezas? Que amor á sociedade havia feito com que um homem construísse a sua vivenda, no fundo do Oceano Pacifico, onde podia expiar todos os seus mysterios, analysar as suas verdes e tranquillias aguas, frente a frente com animaes de extranhas fórmas que se agarravam aos crystaes das rochas, e os horriveis seres que passavam através dos vidros das claraboias, e que se approximavam das suas vivendas nas rochas ou que luctavam com as ferozes garras á vista do seu inimigo, o homem?

«Mesmo n'aquelle momento de perigo, não pude furtar-me á contemplação d'estas maravilhas, que pelos vidros de cristal se podiam observar nitidamente. A agua estava tão proxima, que julguei tocar-lhe, se acaso estendesse o braço. Os extranhos seres que andavam pelas rochas de um lado para o outro, não poderiam entrar ali? E Czerny vivia confiadamente, no meio d'aquelles monstros, sem receio de ser atacado, e demonstrando mais uma vez a verdade de que o homem conhece pouco o seu semelhante.

«O mesmo dia, ás cinco da tarde. — Abrimos as portas inferiores e descemos ás galerias.

«Vão sete homens commigo armados de carabinas. A nossa expedição tem por objecto, não só apoderar-nos da gente que estiver encerrada no poço, como assegurar o ar fornecido pelas machinas, ar que é a nossa vida. O dr. Gray disse, e é verdade; a grande machina que observe o ar á superficie da agua, é a que nos alimenta e dá vida. Se a gente que está lá em baixo, continúa com ella em movimento, é porque sabe estar ali a sua salvação. Se os privamos de alimento e de bebida, que segurança poderemos ter então? Era sem duvida uma expedição perigosa e arriscada esta que empreendiamos.

«Nenhum de nós sabia ao certo quantos homens de Czerny estariam dispersos pelo escuro labyrintho em que nos iamos metter, nem tinha a mais pequena idéa das surpresas que nos poderia surgir, a cada momento no interior d'aquellas cavernas, longe da porta que dava para o mar e longe do sol para nos dar o calor de que tanto necessitavamos. Caminhavamos no meio do desconhecido, cautelosamente, e perguntando uns aos outros se chegaríamos a vêr o dia seguinte, recommendando mutuamente para caminharos sempre unidos.

«Assim que abrimos as portas, cessaram logo as pancadas, o que fez com que estacássemos observando o extenso corredor que era como que a espinha dorsal da casa submarina. As lampadas ardião ainda, conservando o portanto illuminado. As portas que davam para

elle, estavam trancadas com grossas barras de ferro e nas outras galerias que cruzavam com elle, podia perfeitamente occultar-se um exercito. O silencio era completo e apenas interrompido pelo movimento da machina na absorpção do ar, ar fresco e puro que nos refrescava o rosto. Os que se occultavam n'aquelle abysmo receavam portanto sahir, ignorando quaes seriam as nossas intenções. Rodeava-nos sempre o mysterio e de espingarda na mão puzemo-nos de novo a andar em procura da verdade.

«Como disse, a galeria estava illuminada, mas nas outras que se lhe uniam não havia mais luz do que a que passava através das frestas, cujos vidros impediam que o mar entrasse por ellas.

«De vez em quando, os sete homens que iam commigo, agrupavam-se atemorizados, pelo phantastico espectáculo que apresentavam aquelles arcanos do coração do mar, vistos através dos crystaes. Outras vezes algum rumor mais proximo dava o alarme, e então aquelles homens detinham-se silenciosos e escutavam attentos os ruidos que não eram da machina beneficiando as galerias.

«Os monstros que se viam através das janelas, aquelles variedades de seres marinhos, eram sufficientes para amedrontar o homem mais corajoso ante espectáculo de tal ordem.

«Embora eu já me tivesse costumado em parte, áquellas novas sensações, e embora a casa de Czerny me parecesse já, mais um refugio do que um logar de terror, havia comtudo momentos em que ficava parado para fixar bem os olhos na diversidade de seres que passavam ante elles. Aqui, viamos um monstruoso tubarão recostado tranquillamente n'uma cova transparente, ali apparecia-nos repentinamente um exercito de ferozes caranguejos, com os olhos projectados para fóra, colhendo a presa com as garras, e as suas grandes carcassas que pareciam enormes cogumelos dos profundos abysmos. Depois, adiantando-nos um pouco mais, parámos novamente em frente de uma grande claraboia e descobrimos no seu ninho, um grande polvo de fórmas tão extranhas que causava horror. Nas rochas de coral as aguas haviam aberto uma enorme concha e a luz coada pelas diferentes camadas submarinas decompunha-se do verde esmeralda para as côres d'um prisma. Por entre as fendas das pedreiras sahião os tentaculos e os olhos terriveis de seres sem nome, que á luz filtrada pareciam mais terriveis ainda e que estavam prestes a cabir sobre nós.

«Centenas de monstros como estes contámos depois, quando chegamos á segunda caverna, vistos sempre através dos enormes vidros que fechavam as aberturas cavadas nas rochas, e desviando-nos d'ali assustados, continuamos a nossa marcha como homens receosos de falar no que acabavam de vêr.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Almanach Illustrado do OCCIDENTE

PARA 1911

Os poucos exemplares que restam deste magnifico annuario illustrado, estão á venda na

Empresa do Occidente

Poço Novo — Lisboa

Preço 200 rs., pelo correio 220 rs.

NECROLOGIA

Padre Francisco José Patricio

Era com justiça considerado em todo o país um dos primeiros oradores da tribuna sagrada o padre Francisco Patricio, que faleceu no Porto, terra da sua naturalidade, em 7 de abril, termo final de uma existencia gloriosa, que antes do seu ocaso sofreu uma terrivel doença de laringe, perdendo a fala, a fala que era a sua gloria, o encanto de quem o ouvia discursar, com todos os primores da eloquencia e arrebatamentos da sua alma de poeta e de artista, que uma e outra lhe adornava o espirito.

Ainda somos lembrados da sua brilhante oração, no magestoso templo dos Jeronimos, quando ali deram entrada os restos mortaes de Garrett, trasladados do seu tumulo para aquelle panteon.

O orador mostrou-se bem digno de tecer o elogio do grande vulto das letras patrias que ali ia ter sepultura condigna. Era um poeta que exaltava outro poeta, e a dentro daquellas seculares abobodas rendilhadas pela mais requintada arte, raro se teria ouvido orador mais inspirado, artista mais requintado tambem da palavra.

Notabilissimas são egualmente as orações que proferiu, nas exequias de D. Luis I, em Lisboa, Porto e Lamego, nas das vitimas do incendio do teatro Baquet, e do africanista Silva Porto, etc.

Mas não só no pulpito o padre Patricio se distinguiu, como na imprensa colaborou largamente, com seus escritos de investigação historicas, origem de romarias e usos populares, muito curiosos, descritos em linguagem tão simples quanto elegante, a maior parte publicados no *Comercio do Porto*, de que fez parte da redação, assim como do *Comercio Português*, *Jornal do Porto*, *Provincia e Jornal da Manhã*.

Deixou impresso um livro, *Telas Romanticas*, em que reuniu diversos escritos da sua mocidade.

Eleito deputado pelo Porto em 1881, por Viana do Castelo em 1896 e novamente pelo Porto, em 1901 e 1904, teve seu logar no parlamento, onde por vezes fez ouvir a sua voz autorizada sem comtudo se envolver em debates importantes, pois não era aquella a tribuna que mais lhe agradava.

Francisco José Patricio, nasceu na freguezia da Victoria do concelho do Porto, por 1850, e dedicando-se á vida ecclesiastica tomou ordens em 1873, principiando, porém, a pregar em 1871.



P.º FRANCISCO JOSÉ PATRICIO

Em 1874 foi nomeado pregador regio, e em 1877 paroco encomendado de Paranhos.

A municipalidade do Porto nomeou-o reitor do Colegio dos Orfãos, e nesta casa de educação elle empregou os desvelos de um pae carinhoso, cuidando dos seus educandos como filhos, promovendo varias reformas no sentido de melhorar quanto possivel aquelle estabelecimento.

Fez parte, como secretario, da grande comissão promotora das festas do Centenario do Infante D. Henrique, comemorado na cidade do Porto.

Pertencia á Real Sociedade Humanitaria do Porto, onde prestou bons serviços assim como a outras corporações de beneficencia.

Era socio do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Sociedade dos Archeologos e Arquitectos Portuguezes e outras sociedades scientificas e literarias. Condecorado

com o grau de cavaleiro de Santiago e outras condecorações estrangeiras.

Por algumas vezes honrou esta revista com a sua colaboração, o que faz duplamente sentirmos a sua falta.



Publicações

Saudação a Portugal, por Espinola de Mendonça. Lisboa, 1910. Folheto de 16 paginas incluindo a capa.

O autor, que é um poeta novo de auspiciosas primicias, dedica esta sua *Saudação a Portugal*, á mocidade portuguesa.

Se fóramos a avaliar a obra pelo tamanho, pouco teriamos a dizer, pois é pequena; assim teremos que apreciar pela qualidade e o melhor elogio que lhe podemos fazer é lamentar a sua pequenez, tão levantados são os versos de fina e sentida inspiração que nella se lêem.

A' mocidade dedicou o autor seus versos e fez bem, porque ali lhe apresenta em magnifico quadro a grande luta em que este povo viveu até redimir a patria opressa.

E o velho Portugal scismava, torturado,
Lembrando, com saudade, a Historia do passado.

Então decide-se a lançar-se na aberta revolução,

O fumo dos canhões, o fumo inebriante,
Parecia excitar o luso peito arfante,
Que tinha por divisa, em calida firmesa:
— Ou vencer ou morrer, ao som da *Portuguesa!*

E por fim descreve este belo quadro:

Vinha surgindo a aurora, era no mez de outubro,
E, sobre este paiz, surgia um sol mais rubro:
— O sol da independencia, o sol da liberdade,
Que tanto acaricia a grande humanidade.

Linda manhã de outomno, alegre festival!
Estava, enfim, liberto o nosso Portugal!
— E' que n'este paiz — a patria de Camões,
Ainda ha almas sãs, ainda ha corações.

Eu te saúdo agora, ó Patria libertada,
A' luz encantadora, á luz d'esta alvorada!

Patria que em amo tanto, heroína d'estas eras,
E' esta a saudação das minhas primaveras!

Quanta mocidade e entusiasmo transparece destes versos num carinhoso e ao mesmo tempo cioso amor da patria.

Agradecemos ao sr. Espinola de Mendonça, de que esta revista ainda ha pouco publicou uns lindos versos seus, a gentileza da oferta da *Saudação a Portugal*.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons,
Ordens de Bolsa e Loterias.
Telephone, 2873 Endereço, Fundos.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis